

Modernismo(s)

António Sousa Ribeiro e Maria Irene Ramalho



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/rccs/918>
ISSN: 2182-7435

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2006
Paginação: 05-07
ISSN: 0254-1106

Refêrencia eletrónica

António Sousa Ribeiro e Maria Irene Ramalho, « Modernismo(s) », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 74 | 2006, colocado online no dia 01 outubro 2012, criado a 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/918>



Modernismo(s)

Há exactamente um ano, realizou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra um colóquio internacional, organizado pelo Núcleo de Estudos Culturais Comparados do Centro de Estudos Sociais, subordinado ao tema “Modernismos/Modernisms”. O seu objectivo imediato era assinalar a conclusão de um projecto colectivo financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e intitulado “Memória, Violência e Identidade: Novas Perspectivas Comparadas sobre o Modernismo” (projecto POCTI/ELT/36434/2000). A preocupação primeira não era, no entanto, dar conta dos resultados concretos do projecto – algo que teria o seu lugar no relatório a apresentar oportunamente à FCT e nas publicações em tempo programadas. O objectivo imediato era, antes, suscitar uma discussão actualizada desse conceito complexo e controverso que é o conceito de modernismo, a partir de perspectivas diferentes e dando relevo a diferentes tipos de temas e problemas. Com a participação de vários especialistas nacionais e internacionais, incluindo cinco jovens investigadoras ligadas ao projecto original, esse objectivo foi plenamente conseguido nos dois dias que ocuparam o colóquio.

Com a internacionalização da investigação nacional em mente, os trabalhos do colóquio realizaram-se em língua inglesa. Foi um prazer observar na altura o diálogo vivo que se estabeleceu entre os três reputados especialistas internacionais que nos honraram com a sua colaboração (Susan Friedman, da Universidade de Wisconsin-Madison, Vivian Liska, da Universidade de Antuérpia, e Houston Baker Jr, da Universidade de Duke) e as jovens investigadoras do projecto: Ana Luísa Saraiva, Catarina Martins, Inês Pinto Basto, Maria José Canelo e Paula Elyseu Mesquita. O artigo de Houston Baker Jr, que aqui publicamos em tradução portuguesa, inclui um eloquente testemunho disso mesmo. Entretanto, está neste momento em preparação o manuscrito completo das treze intervenções do colóquio para a publicação em forma de livro por uma editora internacional.

Este número temático da Revista Crítica de Ciências Sociais, que documenta parcialmente as intervenções no colóquio Modernismos/Modernisms e em que se apresentam os primeiros resultados do projecto que lhe esteve na origem, pretende contribuir para uma discussão sobre o modernismo, na plena consciência de que essa discussão não parece destinada a ter um

desfecho nos tempos mais próximos. Na verdade, o conceito de modernismo continua em constante mutação, seja no que respeita às suas balizas temporais ou espaciais, seja no que respeita a questões de tema ou de estilo. Há hoje tantas definições de modernismo, quer explícitas, quer implícitas, quantas as áreas do saber ou quantos os especialistas que escrevem sobre o que pensam que o modernismo é. As respostas que melhor satisfazem são as que estão conscientes das suas próprias limitações e deficiências, as que se apresentam como meras descrições provisórias, à espera de serem alargadas, desenvolvidas e apuradas. O discurso sobre o modernismo, ou sobre os modernismos, muda de cada vez que é posto em acção, e será necessariamente diferente daqui por vinte, trinta ou cinquenta anos. Ultimamente, tem-se imiscuído na discussão uma preocupação ética e política, típica de uma era global de consciência multicultural. Esse modernismo, que inicialmente pareceu ter surgido na primeira metade do século XX como sendo um fenómeno artístico-literário ocidental (se não marcadamente anglo-americano), razoavelmente delimitado e razoavelmente definível, tem sido, nos últimos tempos, objecto de ponderação rigorosa e reconceptualização ampla e variada e tem sido, consequentemente, sujeito a diferentes tipos de revisão. O plural a que recorremos – “modernismos” – é testemunho desta perspectiva.

O índice deste número aponta com clareza para esta variada complexidade. O número abre com um ensaio problematizador de Vivian Liska, significativamente intitulado “Para que tenha significado e para que tenha importância: Um modernismo para o século XXI”. Servindo-se de uma personagem enigmática de um modernista tão canónico como Franz Kafka, Liska projecta para o século XXI a dificuldade da definição inequívoca do modernismo. Propor a identificação do modernismo com o kafkiano Odradek é projectar para o século XXI a inquietação sobre as definições, certezas e incertezas da modernidade, que afinal o modernismo sempre albergou. Quer isto dizer que o “presente” nunca verdadeiramente poderá saber de si próprio? Quer-nos parecer que este é, de facto, um dos problemas mais interessantes do “modernismo”.

As propostas teóricas de Liska abrem para uma pequena secção de dois ensaios, onde o problema do “eu” modernista (e, porventura, não só “modernista”) é teorizado em autores e textos marcantes do modernismo ocidental. Catarina Martins analisa a racionalidade estética que na literatura austríaca do princípio do século XX encena, na forma especular do ensaio, a reflexividade possível do ser-eu; Inês Lage Pinto Basto, por sua vez, serve-se da metáfora do espelho para concluir que a escrita modernista pode bem remeter para a saudade de um inexistente real anterior.

O ensaio de Houston Baker Jr, “A modernidade e a ruptura transatlântica”, introduz a dimensão racial e multicultural, que durante tanto tempo andou

afastada dos discursos sobre o modernismo. A “passagem atlântica” que Ana Luísa Saraiva re-evoca e o “sexo das guerras”, o tema de Paula Mesquita, só ganham verdadeiramente sentido no contexto da interrogação do modernismo a partir das margens, com que o artigo de Baker nos desafia.

O ensaio de Susan Friedman, ao pôr em causa a ideia de que modernização é sinónimo de ocidentalização, e ao sublinhar que a inovação poética e artística moderna não é mero apanágio do chamado Ocidente, abre claramente novas perspectivas de análise. Sem ter tido de esperar pelas propostas multi-culturais de Friedman, mas coincidindo com elas, Maria José Canelo, na sua análise de um modernista americano atípico, como Carey McWilliams, revolucionaria o velho conceito de modernismo anglo-americano, ao introduzir na sua análise a dimensão geopolítica, que a leva a reconhecer, nos Estados Unidos da América do Norte, “contraculturas da modernidade”, ou “modernidades alternativas”.

No fecho desta série de reflexões sobre o modernismo à escala internacional, Rosa Martelo obriga-nos a olhar de novo a poesia portuguesa contemporânea, para firmemente a re-situar na continuidade de uma modernidade multifacetada e complexa, que Baudelaire identificou já nos meados do século XIX.

De forma subtil, e em geral apenas implicitamente, este número temático da Revista Crítica de Ciências Sociais convida a problematizar as balizas temporais do chamado modernismo, ao ponderar as formas estéticas da modernidade, mas também as temáticas do sexo, da raça e da classe, no contexto mais amplo do império, da colonização e do capitalismo ocidentais. A relação entre modernismo, modernidade e modernização fica aqui esboçada, mas ainda e sempre à espera de novas reflexões, no contexto mais amplo de um mundo sempre em mutação.

António Sousa Ribeiro

Maria Irene Ramalho